

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.43928>

Artigo recebido em: 02/07/2022

Artigo aprovado em: 06/11/2022

Artigo publicado em: 19/12/2022

TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS
reflexões acerca da *Ética* no primeiro Wittgenstein

TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS
considerations on the *Ethics* in the early Wittgenstein

Eduardo Augusto Lopes Soares¹

(dudulsoares@hotmail.com)

25

Resumo: Este texto busca abordar de forma não exaustiva o tema da ética, presente nos escritos do “primeiro” Wittgenstein. Conectando o *Tractatus Logico-philosophicus* (1921) com a *Conferência sobre Ética* (1964) buscou-se caracterizar as “proposições” éticas, em contraste das proposições com sentido, para assim abordar a indizibilidade da ética, bem como a ensaiar a sua atividade. Foi a partir de um breve encontro com o estoicismo que a relação entre vontade e mundo ganhou contornos mais expressivos, bem como a da vida feliz enquanto tranquilidade da alma e a da vida infeliz enquanto o “problemático” que precisa desaparecer. É possível compreender o *Tractatus* como um ato ético às vistas de uma vida feliz, iluminando assim os últimos aforismos, bem como a chamada para o silêncio.

Palavras-chave: Wittgenstein. *Tractatus*. Vida. Ética.

Abstract: This work seeks to approach the subject of ethics, present in the writings of the “first” Wittgenstein, in a non-exhaustive way. Connecting the *Tractatus Logico-philosophicus* (1921) with the *Conference on Ethics* (1964), we tried to classify the ethical “propositions”, in contrast with the meaningful propositions, in order to approach the unspeakability of ethics, as well as to discuss its activity. It was from a brief encounter with Stoicism that the relation between volition and world gained more expressive contours, as well as the relation between the happy life as tranquility of the soul and the unhappy life as the “problematic” that has to disappear. It is possible to understand the *Tractatus* as an ethical act in view of a happy life, thus illuminating the last aphorisms, as well as the invitation to silence, with the imperative to be silent.

Keywords: Wittgenstein. *Tractatus*. Life. Ethics.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4351073446425859>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0081-6064>.



INTRODUÇÃO

Não há dúvidas quanto à influência do *Tractatus Logico-philosophicus* desde a sua primeira publicação em 1921. O sistema de 7 proposições, quase em estilo aforismático e oracular, dão o tom do texto e explicam, em parte, seu enorme impacto nas vertentes da filosofia da linguagem e da lógica. Santos (2017) salienta que a singularidade desta obra, o seu método filosófico, permite a liberdade de interpretações em direções e movimentos que podem deformá-la. Trata-se de um escrito com grandes pretensões (a saber, o de ter resolvido todos os problemas da filosofia), e junto disso, o convite para o leitor completar seus espaços, ausências e faltas, ou seja, todo o não-dito por Wittgenstein.

O que aparece para alguns como um defeito, pode ser enxergado por outros como uma virtude. É talvez aqui que a originalidade e autenticidade de Wittgenstein possam florescer com mais vigor. O debate entre linguagem e ontologia, entre pensamento e mundo que avivou os círculos da filosofia da linguagem analítica e da lógica após a publicação da obra, parecem deixar de fora o que propomos como objeto deste texto: a riqueza das proposições/aforismos sobre ética-estética, mística, felicidade, Vida e silêncio. É sobretudo, a partir da própria singularidade, inclusive estilística do jovem filósofo que procuramos explorar as portas de interpretações possíveis, que vinculam o autor tanto a Schopenhauer, Kierkegaard, Sartre, mas também ao estoicismo, misticismo e à fenomenologia.

Não se trata de uma interpretação exaustiva dos aforismos que aqui serão mencionados, mas uma tentativa de inserir a obra em diálogos que escapam ao modo tradicional a qual é interpretada. Assim, busca-se uma compreensão - a partir da distinção fundamental entre dizer e mostrar, que sustenta todo o texto - da ética (estética), em sua possibilidade de sentido (absurdo), pedagógica, artística, contemplativa, mas sobretudo, estoica, na busca decidida pela vida feliz.

É a partir da decisão de que há uma vida feliz, que o sujeito cuja marca existencial fundamental é a vontade, independente do mundo (6.373), pode alcançar a visão que supera a distinção entre linguagem e ontologia. Ao superar as barreiras que antes o enredava nas proposições contingentes, científicas que somente descreviam o mundo como conjunto de fatos, o sujeito pode dar conta do que somente se mostra e que, no entanto, é o mais essencial. Diante desta superação, aparece mundo e vida. É a ética, indizível, o caminho capaz de nos guiar na compreensão do mundo da vida.



1 AS PROPOSIÇÕES ÉTICAS

Em uma carta ao editor L. von Ficker (1967), Wittgenstein conta que o *Tractatus* tem um sentido, um objetivo ético. O aspecto mais interessante dessa carta é a afirmação de que a obra consiste precisamente de duas partes: a parte que foi escrita, e a parte que não foi escrita. Esta segunda parte é fundamentalmente a mais importante. Esta diferença aparece dentro da obra através da reiterada distinção entre dizer e mostrar. Sendo a primeira referente à teoria pictórica da linguagem, enquanto pilar de sustentação das proposições contingentes e do discurso científico como descrição de estados de coisas, isto é, figuração da realidade. A segunda parte começa diante do limite da primeira, isto é, o limite do discurso científico. É aqui que floresce a Ética, e com ela, a possibilidade de se tocar naquilo que nenhuma questão científica consegue (6.52), o sentido da vida.

Em 6.42 e 6.423 aparecem as únicas menções ao termo “ética” em toda a obra, o que não a torna menos ética. Apesar de enigmático, aforismático, são os trechos a partir da proposição 6 que nos mostram isso. É sobretudo de 6.4 até 7 que a traição do interdito da linguagem parece produzir os contrassensos mais interessantes. Estes nos mostram de forma curta, porém mais escancarada quais são as questões fundamentais, indizíveis, e permitem as reflexões a seguir acerca da vida vivida eticamente (a vida de quietude, a vida feliz...). Se no início, as menções acerca do limite da linguagem apareciam talvez como meras colocações acerca da “humildade” da ciência, da limitação da figuratividade, agora, podemos observar mundo e vida, mas também dizer e mostrar. Cisões que antes estavam subterrâneas, agora mostram-se em seu vigor. Ora, não podem haver proposições éticas? Sim, pois do que trata a ética, nenhuma proposição consegue representar, figurar. As questões sobre o sentido da vida, sobre o Valor, simplesmente não são fatos do mundo, não estão incrustados em estados de coisas. Uma certa leitura poderia colocar a ética (transcendental) como abstrata, no entanto, ela, junto da estética e do místico, são o de mais concreto. São nesses aforismos que entendemos que a concretude de que trata Wittgenstein alcançam uma tonalidade existencial, e com isso, excedem as discussões “abstratas” sobre linguagem e mundo.

A *Conferência sobre Ética*, apresentada entre 1929 e 1930 em Oxford, mantém os resultados da análise da linguagem feita no *Tractatus*. Este breve trabalho, publicado em texto a primeira vez somente em 1964, por Rhess, ainda que contenha reflexões alheias à obra de 1921, conserva parte de seu espírito, acentuando, no entanto, o aspecto ético, o qual em muito auxilia na compreensão das últimas proposições do *Tractatus*. É nesta *Conferência* que o filósofo aprofunda um pouco mais as “proposições”,



“expressões” éticas, as dividindo inicialmente em relativas e absolutas. Esta divisão é coerente com a divisão tractatiana de proposições contingentes, lógicas e filosóficas (respectivamente, proposições com sentido, sem sentido e absurdas).

Santos (2017) é categórico, ao definir que o objeto da ética é o valor, se comparado a Wittgenstein que afirma, a partir de Moore, a definição da ética como a investigação sobre o que é bom, mas também o valioso, o que importa, o significado da vida (WITTGENSTEIN, 2005, p. 216). As “proposições” éticas são como que “juízos” de valor, na medida em que discutem o que deve valer e o que não deve, isto é, o que é bom e o que não é. O que vale em sentido relativo é o que serve para determinada finalidade (e se serve, daí dizemos que é boa...); por outro lado, o que vale em sentido absoluto é o que “tem valor incondicionalmente por si mesmo e não por outra coisa” (SANTOS, 2017, p. 101). Para a ética do mostrar, presente no *Tractatus* e também na *Conferência*, o seu objeto é o valor absoluto.

Com isso, o que se visa ressaltar é sobretudo que não há como se pensar a obra afastada do ponto de vista ético.

O uso das formas de expressões que falam sobre algo bom ou ruim, em sentido de finalidade, são usos contingentes, e que nada tem a ver com o sentido profundo que a ética do austríaco persegue. Se um jogador de tênis é bom ou ruim, isto é, se é habilidoso ou não, ou se a poltrona é boa ou ruim, se é confortável ou não, isto pouco importa, na medida em que esses tipos de juízos de valor relativo são meros enunciados de fatos, e não juízos de valor como explicita Wittgenstein (2005, p. 217). Apesar da temática da *Conferência* já antecipar, por exemplo, a abordagem da linguagem através dos usos de expressões, o que se busca ressaltar é que os juízos de valor relativo, são, em outras palavras, proposições contingentes (tal como Wittgenstein as formula no *Tractatus*), e, portanto, lhes falta valor, na medida em que proposições contingentes (ou significativas) figuram fatos, que são ou não o caso, de acordo com os fatos do mundo.

As proposições contingentes, até as que aparentam ser em um primeiro momento, juízos de valor, esbarram no limite da linguagem, isto é, no limite da dizibilidade significativa. O que vale absolutamente não está na ordem dos fatos, portanto, não está na ordem do dizível, não está por assim dizer, no mundo. Um livro contendo uma descrição total do mundo não conteria nenhum juízo ético, mas somente juízos de valor relativo (enunciados sobre fatos) e proposições da ciência verdadeiras (WITTGENSTEIN, 2005, p. 218). Um livro verdadeiramente sobre ética, destruiria todos os livros do mundo.

As nossas palavras, de acordo com o uso corrente do discurso científico, “são recipientes capazes somente de conter e transmitir significado e sentido naturais. A



Ética, se ela é algo, é sobrenatural e nossas palavras somente expressam fatos, do mesmo modo que uma taça de chá somente pode conter um volume determinado de água, por mais que se despeje um galão nela.” (WITTGENSTEIN, 2005, p. 219). Ou seja, o que pode ser dito, está na ordem dos fatos, do que é contingente e, portanto, pode ser objeto da ciência. O que não pode ser dito simplesmente extrapola o que nossas palavras são capazes de transmitir. É sobre o que não pode ser dito que se ocupa a ética.

Há de se notar que ainda na época de redação deste pequeno texto, Wittgenstein conservava a compreensão de que há uma espécie de cisão fundamental, na qual brota a possibilidade da ética, e da busca pela vida feliz. Esta é a divisão entre o dizer e o mostrar. As investidas contra os limites da linguagem produzem feridas na cabeça do filósofo, que tenta, a todo momento, a despeito do silêncio, falar sobre o que não se deixa falar, mas que apenas se mostra. Ao perceber esta cisão, a ética deixa de tentar fazer-se a partir do sentido, e se compreende tal como as proposições filosóficas, como absurdos.

A ética proposta no *Tractatus* é silenciosa, e a *Conferência* nos ajuda nesta compreensão. O que tem valor absoluto, aquilo que diz respeito à felicidade, a se a vida merece ser vivida, simplesmente não pode ser dita, pois não está na ordem dos fatos, ao passo que é fundamentalmente o mais essencial.

29

Ao dizer em 1, que o mundo é tudo o que é o caso, e que o caso é a existência de estados de coisas, está implicado também que o que pode ser dito sobre o mundo é aquilo que se encaixa na “linguagem” dos fatos, afinal, linguagem e ontologia estão intimamente conectadas pela força da teoria especular. A proposição precisa ter sentido, e este é dado, dentro do esquema da teoria da figuração, pelo conjunto de possibilidades que o espaço lógico permite, segundo o que é e como é o mundo. Uma proposta assim, deixa ao mundo a posição de polo confirmador do que diz a proposição (4.023). Se o que ela diz corresponde ao modo como o mundo está configurado, então a proposição é verdadeira. A linguagem que é tomada por essa visão de mundo como a correta, corresponde à totalidade das ciências naturais (4.11), é a que nos remete ao dizer.

As proposições éticas que carregam o valor absoluto não alcançam o status de estados de coisas descritíveis, pois é impossível que se encontre a estrada “absolutamente” correta, no sentido de que todos deveriam segui-la, sob pena de culpa (WITTGENSTEIN, 2005, p. 219). Quando, em 5.552, Wittgenstein fala de uma “experiência” (*Erfahrung*) necessária para se entender a lógica, não se trata de uma experiência em mero sentido empírico, pois esta é dada pela atividade científica que descreve estados de coisas e os verifica enquanto fatos, através de como o mundo está ou não configurado. Esta é uma



experiência de “como” (*Wie*) o mundo está. A experiência fundamental para se entender a lógica é a experiência mística, ética. É a experiência ética de valor absoluto por excelência, a experiência de quê (*Was*) o mundo é. No entanto, vemos logo em seguida, em 5.6, que há evidentemente um limite da linguagem, o qual, reflete-se em um limite do mundo que se dá através destas lentes especulares. Na *Conferência sobre Ética*, o filósofo responde de certa forma acerca desta experiência ética e mística diante do mundo. É a sua experiência *par excellence*, no qual os olhos atentos seriam capazes de perceber o valor ético e absoluto. Logo em seguida, ele “descreve” a experiência de assombro diante a existência do mundo, a qual o inclina a dizer: “Que extraordinário que as coisas existam!”, mas também “Que extraordinário que o mundo exista!” (WITTGENSTEIN, 2005, p. 220). A experiência para se entender a lógica é também a experiência necessária que provém do assombro diante da existência de um mundo, isto é, diante da experiência de que algo é (e não o contrário).

O intuito aqui não é o de compreender a lógica, mas sobretudo o de meditar acerca da ética. O que 5.552 evidencia é que há um solo fundamental, pré-figurativo, que é anterior a lógica, mas sobretudo ao discurso científico. A dificuldade persiste porque as expressões usadas para tentar dar conta desta experiência, que para Wittgenstein é fundamental, carecem de sentido, são meros contrassensos. A teoria da figuração é uma lição acerca de qual é o uso correto da linguagem, e as expressões éticas simplesmente ignoram isso. O problema é que na tentativa de extrapolar os limites da dizibilidade, utilizamos as palavras, que tem sentido ordinário, para alcançar o extraordinário. Nesse sentido, ele completa que “carece de sentido dizer que me assombro com a existência do mundo porque não posso imaginá-lo como não existindo” (WITTGENSTEIN, 2005, p. 221).

Em nenhuma parte de sua obra, o filósofo procurou justificar o porquê de produzirmos enunciados éticos. A *Conferência* nos oferece exemplos e caracterizações destes enunciados, mas o motivo é o de simplesmente termos uma tendência a produzi-los (CABANCHIK, p. 175). Além disso, a fala de 1929 deixa claro que a experiência pessoal é o meio de expressar a ética. A inescapável continuidade para com o *Tractatus* se mostra quando Wittgenstein entende que nossos enunciados ou proposições são por vezes alegorias, símiles de algo. Se isto é assim, então seria possível abandonar os símiles e descrever os fatos tais como são. Aqui temos as proposições com sentido, que figuram fatos. O problema é que certas expressões, aparentemente alegóricas, metafóricas, não enunciam indiretamente fatos, ao contrário, não enunciam fato algum. A experiência que tais expressões evocam parecem estar para além do mundo, ou no limite do mundo, afinal, são pertencentes ao sujeito, na medida em que somente se pode apreender seu valor por meio de experiências,



vivências pessoais. O *Tractatus* sustenta a existência de um sujeito, que não está no mundo como um fato entre outros, mas sim, no limite do mundo, inaugurado pela expressão em 5.6. É este sujeito que tem vontade e é, portanto, este sujeito que pode entender o valor das expressões éticas, porque em sua subjetividade, as pode vivenciar. A experiência de assombro diante do mundo é uma experiência ética, mas mística também, porque é a experiência de maravilhar-se diante do mundo, antes, para além e apesar de qualquer fato. É assim que a *Conferência sobre Ética* termina, com o reconhecimento de que as expressões éticas são absurdas, carecem de sentido, não porque nos é necessária uma análise mais cuidadosa e pormenorizada de seus termos, mas sim porque já de início, o que elas pretendem é “*ir além do mundo*, o que é o mesmo que ir além da linguagem significativa” (WITTGENSTEIN, 2005, p. 224). Quem busca falar de ética, ou falar eticamente, corre contra os limites da linguagem, isto é, os limites do mundo, para o sujeito.

31

As expressões éticas não podem ser objeto de ciência porque não tratam de fatos, pois os fatos são o que constituem o mundo, e elas, ao contrário, correm contra os limites do mundo, os limites da linguagem. É só nesse limite do mundo, e para além dele que encontramos a possibilidade de florescer da ética. pois é aqui que encontramos o sujeito, e pertencem a ele as experiências “pessoais” capazes não só de entender as expressões éticas, mas sobretudo de vivenciar a ética, ou viver a vida corretamente. É neste ponto que, inevitavelmente, retornamos ao *Tractatus*. Pois se na *Conferência Wittgenstein* nos oferece exemplos e usos das expressões éticas, ao passo que reconhece a sua essência como parte de nossa tendência a correr contra os limites da linguagem, por outro lado, é só no *Tractatus* que as questões lançadas sobre o místico, o sentido da vida, parecem receber indicações de resposta, ainda que pequenas e insuficientes. As questões éticas, são as questões sobre o sentido da vida, que só podem ser vividas e respondidas pelo sujeito que as vive. É ele capaz de entender o assombro diante da existência do mundo, pois este assombro é justamente a experiência mística de que o mundo é (6.44). E é algo que somente o sujeito pode vivenciar, em sua experiência pessoal, para além do mundo, pois ele está para além do mundo, no seu limite.

Se é só para além do mundo que se pode compreender as expressões éticas, sobretudo por seu caráter de “experiência pessoal”, é imprescindível a caracterização de outro elemento muito importante, a saber, a vontade. A ética não tem a ver com os fatos do mundo, mas sim com a vida, com a vida do sujeito que vive, este ente que é o portador da vontade. É, portanto, a vontade, a portadora do ético, e sobre ela não se pode falar (6.423).



1.1 Mundo e Vontade

Wittgenstein diz em 6.373 que “o mundo é independente da minha vontade”. Essa constatação segue as afirmações acerca da hipótese do processo de indução. O fundamento da indução é psicológico (6.3631), e isto quer dizer em outras palavras que, adotamos esse processo como lei, porque nos auxilia nas experiências científicas com o mundo. O ponto é que não há relação com a vontade, desejo, expectativa do sujeito com o nascer do sol, isto é “não sabemos se ele se levantará” (6.36311). Não há relação de necessidade ou vínculo lógico (6.374) entre o que o sujeito espera e o que acontece no mundo.

Esta constatação separa, por assim dizer, duas “entidades” distintas, mundo e vontade. Que o mundo seja independente de minha vontade é aqui que reside a liberdade do sujeito, e a possibilidade de experimentar a ética. O mundo sendo como é, apenas um conjunto de fatos, os quais a linguagem pode descrever em proposições, as quais nenhuma vale mais que a outra (6.4) não carrega consigo o seu sentido, pois este pertence ao ente que é o portador do ético, e portanto, possuidor da vontade.

Que o mundo exista como uma totalidade, a experiência mística que o intui *sub specie aeterni* (6.45) já nos mostra. Aqui, o mundo aparece ao sujeito como uma totalidade limitada, ao passo que caracteriza o caráter de infabilidade do sentimento místico. Quando Wittgenstein separa vontade e mundo através, inicialmente, do argumento acerca da necessidade lógica entre os fatos e o querer, fica marcada a seguinte constatação:

Se a boa ou má volição altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos; não o que pode ser expresso pela linguagem. [...]

Em suma, o mundo deve então, com isso, tornar-se a rigor outro mundo. Deve, por assim dizer, minguar ou crescer como um todo. O mundo do feliz é um mundo diferente do mundo do infeliz.” (WITTGENSTEIN, 2005, 6.43)

A linguagem parece não conseguir escapar dos fatos mundo, pois seu funcionamento em termos figurativos está conectado intimamente com os estados de coisas. O querer, o desejo, a vontade ou volição etc. não tem poder diante dos fatos do mundo, dos acontecimentos e eventos irremediáveis que compõem o grande livro da ciência. No entanto, Wittgenstein divide aquilo que nos pertence, a vontade, em duas dimensões, uma positiva e uma negativa. Não se pode alterar os fatos, do mesmo modo que não se pode dizer mais do que as palavras conseguem dizer. Mas é possível alterar os limites do mundo, e fazer com que as palavras que pouco dizem, mostrem muito.



O que altera os limites do mundo é a vontade daquele que contempla o mundo misticamente, como totalidade limitada, nos limites do mundo. O aforismo de Wittgenstein 6.43, junto de 6.52 acerca dos problemas da vida nos instigam a compreender que os problemas que a ciência é incapaz de tocar remetem ao que para o filósofo é o mais essencial, a vida, isto é, a existência. Dall’Agnol (2005), entendendo que há um “enigma da vida”, constata que no *Tractatus*, tudo o que o sujeito tem são fatos. Ele penetra um mundo que está “dado”, vindo de fora, e é isto que produz nele sofrimento, isto é, o dado que mostra que os fatos acontecem independentemente da vontade, desejo do sujeito. Parece ser bem neste ponto, segundo esta interpretação, que o assombro diante da existência do mundo, a persistência de um “problema da vida”, ganha seu sustento. Dall’Agnol fala que a facticidade da existência traz um sofrimento que surge quando a vontade pretende uma conexão necessária com o mundo, quando esta não pode existir jamais (DALL’AGNOL, 2005, p. 100).

33

Dall’Agnol (2005) completa que a filosofia tractatiana busca dissolver os problemas, fazendo-os desaparecer. Assim, a questão acerca da vida, do sentido da vida, o problema da existência encontra sua solução. É este o ponto fundamental que distingue a boa da má volição. A boa volição consiste na essência do viver que torna a vida não problemática. Nos limites do mundo, no campo onde o sujeito contempla o mundo *sub specie aeterni*, atemporalmente, ele encontra uma forma de vida que dissolve todo o problemático, que derruba e destrói toda a angústia. A má vontade é aquela em que o sujeito pretende uma conexão necessária de sua volição para com os fatos do mundo, de tal modo que sente, espera, teme diante de fatos que acontecem independente do que ele possa ou não fazer, em seu irremediável devir. A má vontade altera o mundo, e produz um mundo infeliz, e assim, uma má vida, isto é, uma vida vivida incorretamente.

A boa vontade altera o mundo, na medida em que o sujeito o contempla como totalidade limitada. Se por ora tratamos em termos de “valor”, pode-se dizer que tal postura diante do mundo é uma atitude ética capaz de valorar positivamente o mundo ou vida porque aceita a facticidade da existência. Se o filósofo fala de um “mundo do feliz”, decerto que se pode falar em felicidade. É fundamentalmente a vida feliz que resolve o enigma, o problema do sentido da vida, porque simplesmente o dissolve. Mas o que é a vida feliz? É a vida vivida segundo uma atitude do sujeito diante do mundo, que antes de postular juízos éticos, cala-se em um silêncio de apaziguamento.

1.1.1 A vivência ética



Quando entramos no campo da ética, situamo-nos no campo da ação. Não se trata de prescrição ou descrição, mas sim de vivência. Uma vez elucidada a relação entre vontade e mundo, podemos retornar para o final da *Conferência sobre Ética* e entender que a corrida contra os limites da linguagem, empregada por aqueles que tentam falar ética ou religiosamente é uma tendência do espírito humano que mostra e desnuda a ética em sua característica fundamental de indizibilidade. Ora, isto já é a ética, na medida em que vontade já é ação. Afinal, “brota do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o bem absoluto, o absolutamente valioso” (WITTGENSTEIN, 1929, p. 224).

A ética é uma atitude, uma postura, mas mais do que isso, uma vivência. Ao correr contra os limites da linguagem, buscando dizer o indizível, já estamos na experiência da vivência ética. É tal consideração que permite entender toda a obra de Wittgenstein como um ato ético, tal como expresso na carta a von Ficker.

Se Wittgenstein rechaçou qualquer possibilidade de a ciência lidar com as questões éticas, isto também significa que não se pode haver uma ciência ética. Além de uma “ciência ética”, uma “filosofia” ética no sentido de prescrições morais, receitas para o bem agir, sobretudo pautadas no imperativo do “você deve...” (6.422) também não é compatível com as considerações do *Tractatus*. Não pode haver ciência ética, filosofia ética, nem tampouco proposições éticas porque ela é uma atividade que se mostra no sujeito portador da vontade. Isto é que “nenhuma consideração a respeito da ética do *Tractatus* pode ter em vista uma possibilidade teórica ou sistemática qualquer que venha servir, entre outras coisas, como critério de ação” (SATTTLER, 2018, pp. 124-125). Que não se possa sistematizar a ética não significa nenhuma espécie de neutralidade, uma vez que o próprio Wittgenstein entende a possibilidade de uma vida feliz ou triste, mas opta claramente pela vida feliz. O filósofo prescreve, ainda que de maneira silenciosa, uma ética, a qual tem a ver com o modo no qual a vida deve ser vivida. Tal prescrição, como sustenta Sattler (2018) nada tem a ver com algum tipo de regulação moral ou regra.

O ponto é que a ética não pode ser dita, não se deixa exprimir (6.421) porque a vida não se deixa exprimir, afinal, ela não pode senão ser vivida. O critério moral a ser seguido em busca da vida feliz, a Boa Vida é, portanto, a vida mesma. O conteúdo desta ética pode ser aprendido, na medida em que pode ser vivido. Afinal, se não fosse possível mostrar a ética, todo o esforço de Wittgenstein com o *Tractatus* teria sido em vão. Este conteúdo vivido da vida do sujeito volitivo, que enquanto limite do mundo o intui como totalidade limitada, pode ser aprendido enquanto mostrado. Sattler (2018) o entende como o “quadro de uma vida” que foi vivida corretamente.



A tese de Sattler, em seu texto Uma Ética – e uma Estética – wittgensteiniana, é a de que a ética pode ser ensinada pelo artifício do mostrar, através da arte por exemplo, mas além disso, de que a ética na obra do primeiro Wittgenstein tem uma aproximação curiosa e fecunda com o estoicismo. Não é que o filósofo se considerasse um estoico, até porque não há nenhuma citação ou menção a autores como Marco Aurélio ou Sêneca, mas sim que a sua obra “só pode ser realmente compreendida se a compreendermos como estoica.” (SATTLETER, 2018, p. 126). A trilha que se busca percorrer quer aproximar a vida feliz, a que resolve os problemas da vida, com a quietude da alma estoica.

O estoicismo tem por finalidade, alcançar a felicidade, ou a *eudaimonia*, que só pode ser encontrada mediante uma vida vivida com virtude. Esta virtude é “um domínio de si em cada mínimo detalhe da integralidade da vida” (SATTLETER, 2018, p. 127). Assim, a felicidade estoica é alcançada mediante a vivência desta virtude durante toda uma vida. As semelhanças com Wittgenstein começam a emergir quando entendemos que esta vida é ausente de inquietudes, as quais provocam angústia no ente que é limite do mundo. Angústias estas que tem a ver com a inadequação da vontade diante do mundo. O *Tractatus* como um todo mostra, assim como o estoicismo mostra, um retrato de uma “maneira de se viver a vida”. Diante de um mundo que é alheio a minha vontade, a compreensão do imperativo do silêncio denuncia que o modo de vida que faz o problemático desaparecer é aquele que simplesmente aceita e se adequa ao mundo, com suas imposições ingovernáveis. A visão correta do mundo (6.54) é “uma visão límpida e clara a partir da qual a vida em sua integralidade ganha em sentido” (SATTLETER, 2018, p. 128). A vida daquele que aceita que o seu querer é simplesmente alheio ao mundo em seu devir, é uma vida feliz, uma vida correta, ao passo que se justifica a si mesma. A vida feliz é preferível porque é a vida correta.

Trata-se de um “acordo” com o mundo, uma conformidade diante dos fatos, uma “compreensão quanto à independência entre vontade e mundo” aceitando nossa impotência. É preciso, como nos conta o sentimento místico, viver uma vida atemporal, isto é, vivida no presente, “sem a espera do futuro ou o arrependimento do passado”, afinal são esses sentimentos, bem como o temor da morte (6.4311), o medo ou a esperança que caracterizam a vida infeliz, ou problemática (aquela em que a vontade procura uma conexão lógica com os fatos do mundo como em 6.374). Sattler conclui que a postura ética do *Tractatus* depende, tal como o estoicismo, de “nada desejar senão aquilo que se pode desejar” (SATTLETER, 2018, p. 129).

Sendo assim, o “valor”, ou o que dá sentido à vida etc. não é um conteúdo factual que pode ser encontrado em meio aos fatos, mas sim, o conteúdo que se



mostra na atitude que sustenta a maneira correta de se viver. A maneira correta de se viver mostra-se, como uma “imagem” para aqueles capazes de contemplar, tal como contemplam e intuem o mundo como totalidade limitada. O *Tractatus* busca mostrar esta maneira correta de se viver, uma vez que ela é indizível. O “retrato” desta vida feliz e tranquila é o do ente humano que entende os limites de sua vontade, entende os limites do mundo, bem como os limites de sua própria linguagem. Assim, ele não deseja mais do que pode, além de abraçar o imperativo do silêncio, que encerra a obra em 7. Vive feliz aquele que vive corretamente entendendo o resultado da filosofia tractatiana de crítica da linguagem.

A boa vontade só se realiza na vida vivida de acordo com o bem (tal como a caracterizamos a partir da vontade), e esta forma de vida faz desaparecer o problemático simplesmente o dissolvendo, mostrando-o como o que na verdade ele é, um não-problema. Wittgenstein não pretende jogar fora os avanços da sua teoria pictórica da linguagem, bem como os avanços do discurso científico, mas apenas mostrar que nada disso realmente toca na ética da vida. Ao propor a obra toda como um ato ético, isto é, um conjunto de contrassensos, vemos do que se trata propriamente a “transitoriedade” evocada pela metáfora da escada (6.54). Para alcançar a ética, indizível, e com ela, a possibilidade de uma vida feliz é preciso desistir das investidas teóricas e partir para a prática. Se a teoria tem a ver com o dizer, a prática tem a ver com o silêncio.

Busca-se o silêncio enquanto parte da vida eticamente correta, isto é, feliz. Entendendo que sobre o que não se pode falar, deve-se calar, o sujeito volitivo pode exercer a sua tarefa moral em plenitude, na liberdade do silêncio. É no exercício desta tarefa que o sujeito encontra sua liberdade e sua tranquilidade, podendo desse modo, abandonar a escada e ver o mundo corretamente, isto é, ver a vida.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de uma ética wittgensteiniana que guarda estranhos, mas fecundos parentescos com as perspectivas de tranquilidade da alma estoica, resulta da compreensão do interdito da linguagem, o imperativo do silêncio não como um quietismo diante do mundo, ou diante da impossibilidade de teorias ou sistemas científicos em ética. Na verdade, o silêncio pode ser entendido como uma chamada para a ação, para a vivência ética em sua atividade.



Isto quer dizer que o *Tractatus* como um todo, é um esforço do filósofo em dizer aquilo que não pode ser dito, é uma corrida contra os limites da linguagem. Sobre o mais importante, a vida, ele não pôde dizer simplesmente porque a linguagem não comporta mais do que sentidos ordinários, triviais. Mas antes de resignar-se ou frustrar-se diante deste radical impedimento, Wittgenstein entende que a obra é um elemento transitório, isto é, uma escada, e que ao ousar ir contra os limites da linguagem produz naqueles que de fato a compreenderam, certos “galos” ou aprendizados fundamentais. Podem deixar a escada de lado, isto é, superar a obra, aqueles que entenderam que o mais essencial não pode ser objeto de teoria. O mais essencial, a vida, o valor, o que faz a vida valer a pena ser vivida não cabe em um livro que descreve fatos, mas somente pode ser encontrado na própria atividade de viver. Esta é a ética do primeiro Wittgenstein, cujo silêncio invoca mais implicações práticas do que em um primeiro momento possa parecer.

37 Ao abraçar o silêncio, o sujeito portanto se libertou da visão problemática da vida. Uma proposta assim tem de considerar que a dinâmica do “mostrar” comporta uma possibilidade pedagógica, uma vez que a própria obra tenta, a seu modo, ensinar, silenciosamente, a viver eticamente. Pode não parecer, mas ao evitar uma proposta de ética relacionada a teorias, doutrinas, sistemas, já se vê uma lição importante. O *Tractatus* não é um livro de prescrições éticas, mas é um ato ético, uma atitude diante do mundo. A ética aparece assim, porque é indizível, através de como o próprio livro incorpora-se em uma atitude e postura. O livro não prescreve uma ética dizendo, mas mostrando como fazer o problemático desaparecer, mostrando que há como viver uma vida feliz, mostrando que a vida está para além do mundo dos fatos.

Sua ética é, portanto, teleológica, e o método de ensiná-la é a própria obra. Sattler (2018) entende que além de uma tarefa da filosofia (a de ser crítica da linguagem), há também uma tarefa pedagógica, que, no entanto, se efetiva na própria atividade. O filósofo mostra como se deve viver corretamente, ao invés de dizê-lo, assim como uma obra literária nos conta algo sobre a vida precisamente ser fazer nenhum juízo moral explícito. O modo como viveu, escolheu e morreu dos personagens pintam o quadro de suas vidas, e ali, subjaz a vida vivida corretamente ou não. Cabe ao leitor, o sujeito no limite do mundo, no limite da linguagem, compreender através das entrelinhas a ética e praticá-la, na medida em que o retrato que faz a obra é também o retrato da própria vida.

Aqui, a pedagogia da ética é o mostrar. Colocar as coisas dessa forma é diferente de prescrever leis éticas, do tipo que aparecem em 6.422, e que Wittgenstein despreza. Ao questionar tais padrões de uma ética do tipo “você



deve...” e com isso todo este esquema de punições ou recompensas pelas ações, o que se abre é a possibilidade de uma ética que “tautologicamente” justifica-se pelas próprias ações. Tornam-se inúteis leis e sistemas éticos, porque o valor não está no dito, nos fatos, mas sim fora do mundo. Onde? Nas ações da vontade do sujeito volitivo que é limite do mundo. Assim, o sujeito pode aprender a viver eticamente, isto é, corretamente, se contemplar a eticidade, o conteúdo vivido, que se mostra por exemplo, nas idas e vindas errantes de um personagem talvez de alguma história grega.

Tal contemplação é a como a intuição do mundo *sub specie aeterni*, isto é, do ponto de vista da eternidade. Contemplar deste ponto de vista é contemplar no tempo presente. Ao ver de fora as escolhas, acertos, perdas e términos dos personagens em uma obra literária, obtemos o “quadro de uma vida”, em que cada fato em si, desprovido de valor, quando visto no conjunto total alcança o mundo da vida.

A expressão *sub specie aeterni*, que caracteriza o sentimento e a atividade mística já aparecia em Spinoza, mas é tomada por Wittgenstein de Schopenhauer, o autor de *Mundo como Vontade de Representação*, sobretudo na relação do sujeito com a obra de arte. Não é à toa a relação entre ética e estética que empreende Wittgenstein, afinal, contemplar o valor absoluto é tal como contemplar uma obra de arte. Nesta contemplação mística o sujeito torna-se um com a obra de arte, perde sua personalidade e perde-se também do tempo, porque olha para a obra e enxerga, para além de um conjunto de letras e situações descritas, ou de cores misturadas em formatos geométricos, o Belo, ou o Bom, isto é, compreende o essencial da obra de arte. Quem vive corretamente vive precisamente assim, porque conseguiu olhar para a totalidade limitada do mundo e encontrar a vida e seu valor.

Vive feliz quem consegue apaziguar sua alma, entendendo os limites de sua vontade, os limites da linguagem, e enxergando diante da totalidade de fatos, a vida, o destino e o devir em suas situações belas, boas e irremediáveis. Este que vive assim, afasta de si inclusive a morte, porque não a teme, e também porque entende que ela não é um evento da vida. O ente capaz de encontrar a felicidade, o ente humano, contempla o mundo do modo como se contempla uma obra de arte, no tempo presente, tornando-se um com ela.

Tornar-se um com o mundo é aceitar a facticidade da existência, as vicissitudes, para com isso suprimir e dissolver as angústias que provocam um mundo infeliz. O mundo do feliz e do infeliz é precisamente o mesmo, o que muda, no entanto, é o modo como cada sujeito encara a totalidade dos fatos, e consegue encontrar nela, apesar dela, a tranquilidade de sua alma. Nada disso tira a importância da ciência, do discurso que figura e descreve fatos, muito menos deslegitima o dizer como um todo. A distinção entre



mundo e vida, que é precisamente a distinção entre dizer e mostrar, apenas constata que as vezes é preciso abrir espaço para que a realidade mostre a sua voz, ainda que essa voz seja o silêncio. Ao exercício do dizer, então, opõe-se, mas de maneira complementar, o exercício da escuta. Para além da ciência e dos fatos, existe a ética, o valor, e a vida. Esta é a segunda parte do *Tractatus*.



REFERÊNCIAS

- DALL'AGNOL, Darlei. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 3ª ed. Florianópolis; Ed. Da UFSC; São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005. Com: *Conferência sobre Ética/Ludwig Wittgenstein*.
- ENGELMANN, Paul. *Letters from Ludwig Wittgenstein, with a memoir*. MC GUINNESS, B.F. (Org.). Oxford: Blackwell, 1967.
- SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A essência da proposição e a essência do mundo.
- SATTLER, Janyne. Uma ética – e uma estética – wittgensteiniana: reflexões e implicações de uma tese à la lettre. *Wittgenstein nas Américas: legado e convergências/Rafael Lopes Azize*, organizador. Salvador: EDUFBA, 2018.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos, 3ª ed. São Paulo. Editora Edusp, 2017.

